Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de Química

https://doi.org/10.56117/resbenq.2026.v7.e072627

# Leitura e escrita na formação de professores: sentidos e perspectivas em trabalhos publicados no ENPEC

*Reading and Writing in Teacher Education: Meanings and Perspectives in Papers Published in ENPEC*

*Lectura y escritura en la formación de profesores: sentidos y perspectivas en trabajos publicados en el ENPEC*

**Antônio Vitor Alves dos Reis Pires** (*daesq10@gmail.com*)
*Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ*
*https://orcid.org/0009-0004-9115-8619*

**Wallace Alves Cabral** (wallacecabral@ufsj.edu.br)
*Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ*
*https://orcid.org/0000-0002-4685-7486*

**Resumo**

Este estudo investiga como as práticas de leitura e escrita são significadas na formação de professores em trabalhos publicados nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). O objetivo foi compreender como essas práticas são significadas e que possibilidades formativas são produzidas quando leitura e escrita deixam de ser compreendidas apenas como meios para apropriação e reprodução de conhecimentos. Para isso, realizou-se uma revisão de literatura nos anais das edições do ENPEC disponíveis entre 1997 e 2023, com exceção da edição de 1999, cujo acervo não estava acessível. Inicialmente, foram identificados 135 trabalhos a partir da leitura de títulos, resumos e palavras-chave contendo os termos "Leitura" e/ou "Escrita". Desse conjunto, foram selecionados 18 trabalhos relacionados à formação inicial de professores e, posteriormente, sete estudos que mobilizavam a Análise de Discurso de linha francesa. A análise considerou os modos como leitura e escrita são significadas nas experiências formativas e as relações estabelecidas pelos trabalhos com produção de sentidos, autoria, memória discursiva, repetição e deslocamento. Os resultados permitem compreender que leitura e escrita são significadas para além de sua função instrumental, constituindo práticas nas quais os sujeitos estabelecem relações com discursos já produzidos, ocupam posições e produzem sentidos. Os estudos também apontam para uma tensão entre a retomada de sentidos historicamente estabilizados e a possibilidade de sua reformulação e deslocamento. Na formação docente, as

Este texto é licenciado pela Creative Commons Attribution 4.0 International License.



ISSN: 2676-0290

possibilidades formativas dessas práticas estão relacionadas às condições de produção que permitem aos sujeitos interpretar, questionar, reformular e produzir sentidos, estabelecendo outras relações com o conhecimento, a ciência e a própria docência. Nesse movimento, leitura e escrita podem constituir espaços de produção de sentidos e formação dos sujeitos quando compreendidas para além da apropriação e reprodução de conhecimentos.

**Palavras-chave:** Linguagem. Análise de Discurso. Produção de sentidos.

## Abstract

This study investigates how reading and writing practices are given meaning in teacher education in studies published in the proceedings of the National Meeting for Research in Science Education (ENPEC). The objective was to understand how these practices are signified and what formative possibilities are produced when reading and writing are no longer understood merely as means of appropriating and reproducing knowledge. To this end, a literature review was conducted of the proceedings of ENPEC editions available from 1997 to 2023, with the exception of the 1999 edition, whose archive was not accessible. Initially, 135 papers were identified through the examination of titles, abstracts, and keywords containing the terms “Reading” and/or “Writing.” From this set, 18 papers addressing initial teacher education were selected, followed by seven studies that employed French Discourse Analysis. The analysis considered how reading and writing are signified in formative experiences and the relationships established in these studies with meaning production, authorship, discursive memory, repetition, and displacement. The results suggest that reading and writing are signified beyond their instrumental function, constituting practices through which subjects establish relationships with already-produced discourses, occupy positions, and produce meanings. The studies also point to a tension between the resumption of historically stabilized meanings and the possibility of their reformulation and displacement. In teacher education, the formative possibilities of these practices are related to the conditions of production that allow subjects to interpret, question, reformulate, and produce meanings, establishing other relationships with knowledge, science, and teaching itself. In this movement, reading and writing can constitute spaces for meaning production and subject formation when understood beyond the appropriation and reproduction of knowledge.

**Keywords:** Language. Discourse Analysis. Meaning Production.

## Resumen

Este estudio investiga cómo las prácticas de lectura y escritura son significadas en la formación de profesores en trabajos publicados en las actas del Encuentro Nacional de Investigación en Educación en Ciencias (ENPEC). El objetivo fue comprender cómo estas prácticas son significadas y qué posibilidades formativas se producen cuando la lectura y la escritura dejan de ser comprendidas únicamente como medios para la apropiación y reproducción de conocimientos. Para ello, se realizó una revisión de literatura en las actas de las ediciones del ENPEC disponibles entre 1997 y 2023, con

excepción de la edición de 1999, cuyo archivo no estaba disponible. Inicialmente, se identificaron 135 trabajos mediante la lectura de títulos, resúmenes y palabras clave que contenían los términos “Lectura” y/o “Escritura”. De este conjunto, se seleccionaron 18 trabajos relacionados con la formación inicial de profesores y, posteriormente, siete estudios que movilizaban el Análisis del Discurso de línea francesa. El análisis consideró los modos en que la lectura y la escritura son significadas en las experiencias formativas y las relaciones establecidas por los trabajos con la producción de sentidos, la autoría, la memoria discursiva, la repetición y el desplazamiento. Los resultados permiten comprender que la lectura y la escritura son significadas más allá de su función instrumental, constituyéndose en prácticas mediante las cuales los sujetos establecen relaciones con discursos ya producidos, ocupan posiciones y producen sentidos. Los estudios también apuntan a una tensión entre la retomada de sentidos históricamente estabilizados y la posibilidad de su reformulación y desplazamiento. En la formación docente, las posibilidades formativas de estas prácticas están relacionadas con las condiciones de producción que permiten a los sujetos interpretar, cuestionar, reformular y producir sentidos, estableciendo otras relaciones con el conocimiento, la ciencia y la propia docencia. En este movimiento, la lectura y la escritura pueden constituir espacios de producción de sentidos y formación de los sujetos cuando son comprendidas más allá de la apropiación y reproducción de conocimientos.

**Palabras clave:** Lenguaje. Análisis del Discurso. Producción de sentidos.

## Introdução

A leitura e a escrita constituem práticas presentes em diferentes momentos da formação de professores, por meio das quais os sujeitos entram em contato com conhecimentos, interpretam discursos, posicionam-se e produzem sentidos sobre a escola, o ensino e a docência. Na formação inicial, essas práticas se materializam em atividades como a leitura de artigos científicos, livros, textos de divulgação científica e documentos educacionais, bem como na produção de relatórios, relatos, diários reflexivos e outros gêneros textuais. Entretanto, sua presença no cotidiano acadêmico não significa que sejam necessariamente compreendidas em suas dimensões discursiva e formativa.

No campo do Ensino de Ciências, diferentes pesquisas têm investigado as relações entre leitura, escrita e formação de professores. Ribeiro et al. (2012), por exemplo, analisaram práticas de leitura de professores em formação inicial no contexto das Ciências da Natureza, compreendendo a leitura como uma prática de letramento. Na formação inicial de professores de Química, Wenzel et al. (2019) analisaram os

sentidos atribuídos por licenciandos às práticas de escrita vivenciadas durante sua formação, identificando compreensões relacionadas à apropriação da linguagem química, à formação docente e à pesquisa. Esses estudos permitem compreender que leitura e escrita podem assumir diferentes funções e significados nos processos formativos.

A produção acadêmica do próprio Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) também já foi objeto de levantamentos sobre leitura e escrita. Bavaresco e Palcha (2018) analisaram pesquisas publicadas nas atas do evento, buscando compreender os sentidos produzidos acerca dessas práticas no Ensino de Ciências e suas relações com a formação e o desenvolvimento profissional docente. Embora esse estudo contribua para compreender a produção sobre o tema no ENPEC, o presente trabalho parte de um recorte específico: interessa-nos analisar como essas práticas são significadas em pesquisas sobre formação de professores que mobilizam a Análise de Discurso de linha francesa (AD).

Entre as perspectivas teórico-metodológicas que podem contribuir para essa discussão, a AD possibilita compreender leitura e escrita como práticas discursivas, nas quais os sentidos são produzidos na relação entre sujeito, linguagem e história. Nessa perspectiva, ler e escrever não correspondem simplesmente à decodificação ou à reprodução de informações, mas envolvem processos de interpretação, retomada de discursos já produzidos, posicionamento e produção de sentidos (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2005). A mobilização dessa perspectiva permite, assim, deslocar o olhar das características exclusivamente formais dessas práticas para os processos discursivos que atravessam sua produção e interpretação.

No âmbito da formação de professores, conceitos como produção de sentidos, condições de produção, memória discursiva, autoria e repetição permitem problematizar as relações estabelecidas pelos sujeitos com os discursos que circulam em seus processos formativos. As práticas de leitura e escrita são, nessa perspectiva, atravessadas por relações históricas e ideológicas que participam da constituição dos sujeitos e dos sentidos. Analisar pesquisas que mobilizam a AD pode, portanto, contribuir para compreender como essas práticas são significadas na formação docente.

No Ensino de Química, essa discussão também assume relevância. Pesquisas da área têm explorado as relações entre linguagem, leitura, escrita e formação, enquanto trabalhos publicados na própria ReSBEnQ discutem possibilidades de articulação entre leitura, produção de sentidos e Ensino de Química. Guimarães et al. (2020), por exemplo, ao articularem Ensino de Química e literatura, apresentam possibilidades de compreender a leitura como prática de interpretação, reflexão e produção de sentidos. Essa aproximação reforça a pertinência de investigar as práticas de linguagem também a partir de perspectivas que considerem sua dimensão discursiva e formativa.

O ENPEC constitui um espaço relevante de circulação da produção acadêmica em Educação em Ciências, reunindo pesquisas que abordam diferentes dimensões do ensino e da formação de professores, entre elas questões relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita. Assim, os anais do evento constituem uma fonte pertinente para investigar como diferentes perspectivas teóricas e metodológicas têm sido mobilizadas para compreender essas práticas.

Diante desse contexto, este estudo parte da seguinte questão de pesquisa: Como as práticas de leitura e escrita são significadas em pesquisas sobre formação de professores que mobilizam a AD publicadas nos anais do ENPEC?

O objetivo deste estudo é analisar os modos como as práticas de leitura e escrita são significadas em pesquisas sobre formação de professores publicadas nos anais do ENPEC, a partir do mapeamento e da caracterização dos trabalhos que abordam essa temática e da identificação daqueles que mobilizam a AD.

## Leitura e escrita na formação de professores na perspectiva da AD

A AD constitui um referencial teórico-metodológico que possibilita compreender a linguagem em sua relação com a história, a ideologia e os sujeitos. Constituída a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, articula contribuições da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise, deslocando a compreensão da linguagem como instrumento transparente de comunicação para uma perspectiva em que os sentidos são produzidos nas relações entre língua, sujeito e história (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2005). No Brasil, os trabalhos de Eni Orlandi contribuíram para a consolidação dessa

perspectiva em diferentes campos do conhecimento, incluindo a Educação e o Ensino de Ciências.

A AD considera que a linguagem não é transparente e que os sentidos não estão previamente contidos nas palavras. A língua possui uma materialidade própria, enquanto o sujeito constitui-se na relação com a linguagem, a história e a ideologia (Orlandi, 2005). Nessa perspectiva, o discurso não se reduz à transmissão de informações, mas constitui-se como lugar de produção de sentidos, no qual diferentes posições podem se inscrever. Aquilo que é dito e aquilo que pode ser interpretado relacionam-se, assim, às condições históricas e sociais de produção dos discursos.

Essa perspectiva permite compreender leitura e escrita para além de uma dimensão estritamente técnica. Em vez de serem concebidas apenas como processos de codificação, decodificação ou transmissão de informações, podem ser entendidas como práticas discursivas nas quais os sujeitos interpretam e produzem sentidos. Ao discutir a leitura, Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2006) deslocam a questão de "o que ler quer dizer?" para "o que ler significa?", afastando-se da busca por um significado único e previamente determinado. O sentido é, nessa perspectiva, produzido na relação entre a materialidade discursiva, as condições de produção e a posição ocupada pelo sujeito que interpreta.

As condições de produção constituem, portanto, um elemento fundamental para compreender os processos de significação. Conforme Orlandi (2005), podem ser compreendidas em sentido estrito, relacionado às circunstâncias imediatas da enunciação, e em sentido amplo, envolvendo aspectos históricos, sociais e ideológicos que atravessam a produção do discurso. Dessa forma, os sentidos produzidos em uma prática de leitura ou escrita não podem ser explicados exclusivamente pela materialidade linguística, uma vez que se relacionam às condições nas quais os sujeitos produzem e interpretam os discursos.

Outro conceito importante é o interdiscurso, compreendido como a dimensão do já-dito que participa da constituição de todo dizer. Todo discurso mantém relações com outros discursos, ainda que essas relações não sejam necessariamente percebidas pelo sujeito. A memória discursiva participa desse funcionamento ao possibilitar a retomada de sentidos já produzidos em determinadas condições históricas, que podem

ser reproduzidos, reformulados ou deslocados. Assim, nenhum dizer se constitui de maneira completamente isolada, pois sua produção está relacionada àquilo que já foi dito (Pêcheux, 1999; Orlandi, 2005).

Essa relação com o já-dito também se articula ao conceito de formação discursiva. Os sentidos não são inerentes às palavras, mas dependem das posições discursivas e das formações ideológicas nas quais os sujeitos se inscrevem. Uma mesma palavra ou expressão pode produzir diferentes sentidos conforme a posição ocupada pelo sujeito e as condições de produção do discurso (Orlandi, 2005). Compreender os sentidos produzidos em práticas de leitura e escrita implica, portanto, considerar as relações discursivas e históricas que sustentam determinado dizer.

No caso da escrita, essa compreensão permite ultrapassar a ideia de que escrever consiste simplesmente em reproduzir conhecimentos ou discursos previamente estabelecidos. Ao escrever, o sujeito retoma dizeres que circulam socialmente e os inscreve em novas condições de produção, podendo produzir deslocamentos e novos efeitos de sentido. É nesse movimento que a noção de autoria assume importância. Para Orlandi (2005), a autoria relaciona-se à possibilidade de o sujeito organizar e assumir uma posição em relação ao dizer, produzindo efeitos de unidade e responsabilidade sobre aquilo que escreve.

A autoria relaciona-se, ainda, às diferentes formas de repetição discutidas por Orlandi (2005). A repetição empírica caracteriza-se pela reprodução do já-dito; a repetição formal envolve a reformulação de um dizer; e a repetição histórica ocorre quando o sujeito, ao retomar sentidos já produzidos, promove deslocamentos a partir da historicidade que o constitui. Essa distinção é particularmente relevante para compreender práticas de escrita na formação de professores, pois permite considerar diferentes relações dos sujeitos com os discursos que circulam em seus processos formativos, desde a reprodução de sentidos estabilizados até movimentos de reformulação e deslocamento.

Outro conceito importante é o esquecimento, compreendido como constitutivo do funcionamento discursivo. Na perspectiva da AD, o sujeito não possui controle absoluto sobre aquilo que diz, uma vez que sua relação com a linguagem é atravessada por processos inconscientes e ideológicos. Orlandi (2005) discute diferentes formas de

esquecimento que participam desse funcionamento, produzindo, entre outros efeitos, a ilusão de que o sujeito é a origem absoluta de seu dizer e de que existe uma correspondência direta entre pensamento, linguagem e realidade.

Esses pressupostos permitem compreender também a importância da história de leitura na produção de sentidos. Todo sujeito interpreta a partir de uma trajetória constituída por experiências, conhecimentos e discursos com os quais teve contato. Assim, diferentes sujeitos podem produzir diferentes sentidos diante de uma mesma materialidade discursiva, não porque qualquer interpretação seja possível, mas porque os processos de interpretação são atravessados pelas condições de produção, pelas posições dos sujeitos e pela memória discursiva (Orlandi, 2005).

No contexto da formação de professores, essa compreensão permite considerar leitura e escrita como práticas que participam da constituição dos sujeitos e de suas relações com os discursos sobre conhecimento, ensino e docência. Ler e escrever, nessa perspectiva, não significam apenas apropriar-se de conteúdos ou demonstrar domínio de determinados gêneros acadêmicos, mas também interpretar, posicionar-se, retomar discursos e produzir sentidos. A formação pode, assim, ser compreendida como espaço no qual diferentes discursos são mobilizados e ressignificados pelos sujeitos em suas trajetórias formativas.

No Ensino de Ciências e, particularmente, no Ensino de Química, essa perspectiva ganha relevância diante da presença de diferentes discursos e formas de linguagem nos processos de ensino e formação. A leitura de textos científicos, de divulgação científica, históricos ou de outros gêneros, assim como a produção escrita, pode colocar os sujeitos em contato com diferentes modos de significar o conhecimento e a atividade científica. Nesse sentido, trabalhos desenvolvidos no campo do Ensino de Química também têm discutido a leitura como prática de interpretação e produção de sentidos, apresentando possibilidades de articulação entre linguagem, conhecimento e formação (Guimarães et al., 2020).

É a partir dessa compreensão da leitura e da escrita como práticas discursivas, atravessadas pela historicidade, pelas condições de produção, pelo interdiscurso, pela memória discursiva e pelas posições dos sujeitos, que se torna possível problematizar

os diferentes modos pelos quais essas práticas são significadas nos trabalhos analisados.

## Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, de caráter bibliográfico e documental, desenvolvido a partir da análise de trabalhos publicados nos anais do ENPEC. O levantamento teve como finalidade identificar pesquisas que abordam práticas de leitura e/ou escrita no contexto da formação de professores e, posteriormente, selecionar aquelas que mobilizam a AD como perspectiva teórico-metodológica.

A escolha dos anais do ENPEC como fonte para o levantamento justifica-se pelo lugar que o evento ocupa na produção e circulação do conhecimento acadêmico brasileiro em Educação em Ciências. Por reunir pesquisas de diferentes instituições e grupos de investigação, o evento constitui um espaço relevante para identificar como as temáticas da leitura e da escrita vêm sendo abordadas no campo, particularmente nas pesquisas relacionadas à formação de professores.

O recorte nos anais do ENPEC delimita o alcance do levantamento, uma vez que não contempla a produção acadêmica publicada em outros eventos e periódicos da área. Do mesmo modo, a seleção de sete trabalhos que mobilizam a AD não pretende representar a totalidade das pesquisas sobre leitura e escrita na formação docente, mas permite aprofundar a compreensão dos modos como essas práticas são significadas em estudos orientados por essa perspectiva teórico-metodológica.

Foram analisadas as edições disponíveis do ENPEC entre 1997 e 2023, com exceção de 1999, cujo acervo não se encontrava acessível no momento do levantamento. Inicialmente, foram examinados os títulos dos trabalhos completos apresentados oralmente nas diferentes linhas temáticas de cada edição. Foram selecionados aqueles que continham os termos “Leitura” e/ou “Escrita” no título, resultando em um conjunto inicial de 135 trabalhos.

A distribuição dos trabalhos identificados por edição do evento é apresentada na Tabela 1.

**Tabela 1** - *Quantitativo de Trabalhos por Edição do ENPEC*

| Ano | Quantitativo de trabalhos | Trabalhos relacionados à formação de professores |
|---|---|---|
| **2023** | 13 | 2 |
| **2021** | 6 | 0 |
| **2019** | 8 | 2 |
| **2017** | 17 | 2 |
| **2015** | 16 | 0 |
| **2013** | 22 | 7 |
| **2011** | 15 | 3 |
| **2009** | 19 | 1 |
| **2007** | 8 | 0 |
| **2005** | 9 | 1 |
| **2003** | 0 | 0 |
| **2001** | 1 | 0 |
| **1997** | 1 | 0 |
| **Total** | 135 | 18 |

*Nota.* Elaborado pelos autores.

A distribuição apresentada na Tabela 1 permite observar que a presença de trabalhos que abordam leitura e/ou escrita nos títulos varia entre as edições do ENPEC, sem configurar um movimento contínuo de crescimento. A maior concentração ocorreu em 2013, com 22 trabalhos, seguida das edições de 2009, 2017 e 2015. Também se observam lacunas: na edição de 2003, não foram identificados trabalhos com os termos de busca definidos, enquanto em algumas edições não foram encontrados estudos relacionados à formação de professores. Esse cenário indica que, embora as temáticas da leitura e da escrita estejam presentes em diferentes momentos da trajetória do evento, sua articulação com a formação de professores aparece de maneira menos frequente e irregular no conjunto levantado.

Em uma segunda etapa, os 135 trabalhos foram examinados a partir de seus títulos, resumos e palavras-chave, buscando identificar aqueles relacionados à formação de professores. Foram considerados tanto os estudos que investigavam diretamente licenciandos quanto aqueles que abordavam atividades, experiências e processos de formação e desenvolvimento profissional de professores. Foram excluídos os trabalhos que, embora abordassem práticas de leitura e/ou escrita, não

apresentavam relação com a formação de professores. Esse procedimento resultou na seleção de 18 trabalhos.

A leitura integral dos 18 trabalhos permitiu identificar três categorias de abordagem das práticas de leitura e escrita: (1) leitura e escrita à luz do referencial teórico e metodológico da Análise de Discurso de linha francesa; (2) a Análise Textual Discursiva (ATD) como metodologia de análise nas pesquisas envolvendo leitura e escrita; e (3) o trabalho com a leitura e a escrita no âmbito dos Programas de Formação de Professores.

Considerando o objetivo e o referencial teórico-metodológico desta pesquisa, o estudo delimitou-se à primeira categoria, constituída pelos trabalhos que mobilizavam a AD. Para essa seleção, foram incluídos os estudos que apresentavam indicação explícita da utilização dessa perspectiva como referencial teórico e/ou metodológico ou que mobilizavam conceitos próprios desse campo teórico em suas análises. Foram excluídos, portanto, os trabalhos que apenas mencionavam o discurso ou utilizavam o termo sem estabelecer uma relação teórico-metodológica com a AD.

Esse procedimento resultou em sete trabalhos que mobilizavam a Análise de Discurso de linha francesa: Tellez (2013), Giraldi (2013), Santos e Queiroz (2013), Cabral et al. (2013), Cabral e Flôr (2017), Brugliato e Almeida (2017) e Cabral e Flôr (2019). Esses estudos constituíram o corpus específico da pesquisa, em consonância com a questão de investigação e com o referencial teórico adotado.

A Tabela 2 apresenta os trabalhos selecionados, organizados por autoria, título e ano de publicação. Essa sistematização permite visualizar a distribuição temporal das publicações e identificar os estudos que fundamentam as análises desenvolvidas nesta pesquisa.

**Tabela 2** - *Trabalhos Selecionados para Análise*

| Autoria | Título | Ano |
|---|---|---|
| Tellez | A produção de história em quadrinhos a partir da leitura de textos históricos por licenciandos do PIBID. | 2013 |
| Giraldi | Discursos de professores de Ciências: leitura e escrita como foco de diálogo. | 2013 |
| Santos e Queiroz | Oficinas de leitura: produção de sentidos no ensino superior de Química. | 2013 |

| Autoria | Título | Ano |
|---|---|---|
| Cabral et al. | Sentidos atribuídos à escrita por licenciandos em Química na modalidade à distância. | 2013 |
| Cabral e Flôr | Movimentos de leitura e escrita na disciplina de Estágio Supervisionado em Química em uma universidade pública de MG. | 2017 |
| Brugliato e Almeida | A produção de sentidos por licenciandos em Física a partir da leitura de diferentes tipos de discursos. | 2017 |
| Cabral e Flôr | Escrever e reescrever no âmbito da formação inicial de professores de Química: possibilidades de novas "sensações". | 2019 |

*Nota.* Elaborado pelos autores.

Após a definição do corpus, os sete trabalhos foram lidos integralmente e analisados à luz dos pressupostos da AD apresentados no referencial teórico. Para orientar o gesto analítico, foi constituído um dispositivo teórico-analítico articulado à questão de pesquisa, mobilizando especialmente os conceitos de produção de sentidos, condições de produção, interdiscurso, memória discursiva, autoria, repetição e história de leitura.

Esses conceitos não foram empregados como categorias rígidas e previamente fechadas, mas como fundamentos para orientar a leitura dos trabalhos e problematizar os modos pelos quais seus autores significam as práticas de leitura e escrita. Nesse movimento, realizou-se o processo de de-superficialização (Orlandi, 2005), buscando ultrapassar a materialidade linguística imediata dos textos e considerar os processos discursivos relacionados aos sentidos produzidos, às posições dos sujeitos e às relações estabelecidas com o já-dito.

A análise considerou as condições de produção dos trabalhos, as práticas de leitura e escrita investigadas e os modos como essas práticas são significadas no contexto da formação de professores. O percurso analítico também buscou estabelecer relações entre os estudos, considerando aproximações, diferenças, regularidades e deslocamentos.

A partir desse percurso, foram analisados os modos pelos quais os sete estudos mobilizam a AD para significar as práticas de leitura e escrita no contexto da formação de professores.

**Análise das práticas de leitura e escrita na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa**

Os sete trabalhos que compõem o corpus mobilizam a AD para investigar diferentes práticas de leitura e escrita em contextos de formação de professores. Embora apresentem objetos, participantes e situações formativas distintas, aproximam-se ao deslocar essas práticas de uma compreensão predominantemente instrumental, vinculada à transmissão, ao registro ou à reprodução de conhecimentos, para uma perspectiva em que ler e escrever participam da produção de sentidos e da constituição dos sujeitos. Esse movimento, contudo, não ocorre de maneira homogênea: os estudos também apontam para a permanência de formas de repetição e de sentidos estabilizados, produzindo uma tensão entre reprodução e possibilidade de outros sentidos.

No âmbito da escrita, essa tensão aparece nos trabalhos de Cabral e Flôr (2019), Cabral e Flôr (2017) e Cabral et al. (2013). Em Cabral e Flôr (2019), a escrita é investigada a partir de uma proposta de produção e reescrita de relatos por licenciandos em Química durante o estágio supervisionado. A atividade desloca a escrita do lugar tradicionalmente ocupado pelo relatório acadêmico, uma vez que os estudantes produziam relatos sobre vivências escolares, posteriormente analisados e reescritos. A reescrita não era orientada prioritariamente pela correção formal, mas pela ampliação das possibilidades de dizer e pela reflexão sobre a própria produção textual. A escrita, nesse contexto, passa de registro de uma atividade realizada a espaço de reflexão sobre a experiência formativa.

Esse movimento aparece também na avaliação dos próprios licenciandos. Um dos participantes afirma: “Para o próximo semestre, gostaria de continuar escrevendo relatos, pois achei muito válida a escrita e reescrita dos relatos, e creio que seja bem mais útil do que a entrega de relatórios no final da disciplina” (Cabral & Flôr, 2019, p. 5). A formulação estabelece uma oposição entre duas formas de significar a escrita: de um lado, o relatório como produto acadêmico associado à exigência de registro; de outro, a escrita e a reescrita como processos de reflexão e elaboração da experiência. Assim, a mudança não decorre apenas da introdução de outro gênero, mas da possibilidade de estabelecer outra relação com o ato de escrever.

Em Cabral e Flôr (2017), esse movimento é aprofundado pela mobilização das histórias de leitura dos licenciandos. Os autores investigam atividades de leitura e escrita desenvolvidas no estágio supervisionado, propondo aos estudantes a produção de relatos sobre situações cotidianas da escola e um exercício de estranhamento diante de elementos que, em condições habituais, poderiam passar despercebidos. A proposta coloca em questão sentidos estabilizados sobre o que deve ser observado e registrado durante o estágio e confronta os estudantes com uma forma de escrita distinta daquela predominante em sua formação.

A dificuldade relatada pelos licenciandos em escrever fora do modelo "mecanizado" do relatório permite interpretar que as práticas de escrita não se constituem de forma independente das trajetórias formativas. Os estudantes chegam à atividade trazendo histórias de leitura e escrita que participam de suas expectativas e formas de dizer. Ao serem convidados a produzir relatos e a se posicionar sobre as experiências vivenciadas, passam a ocupar uma posição distinta daquela associada à simples reprodução de conteúdos.

Essa dimensão formativa é mencionada por um dos licenciandos, que associa as práticas de leitura e escrita à ampliação de conhecimentos e possibilidades de atuação profissional, destacando que esse repertório poderia contribuir para diversificar as metodologias utilizadas futuramente como professor (Cabral & Flôr, 2017). A escrita aparece, assim, vinculada à autoria e à ampliação das formas de participação no processo formativo, podendo repercutir na constituição do professor e em suas possibilidades de atuação.

Em Cabral et al. (2013), a relação dos licenciandos com a escrita aparece marcada por uma tensão entre práticas legitimadas pela formação em Química e outras formas de escrita. Os autores investigam os sentidos atribuídos à escrita por licenciandos na modalidade a distância e encontram diferentes posições: estudantes que demonstram prazer em escrever, sujeitos que afirmam não gostar da atividade e outros que escrevem por exigência da formação profissional. Essa heterogeneidade aponta para diferentes modos de significar a escrita.

A relação estabelecida entre cálculo e escrita também permite problematizar uma representação recorrente na formação em Química. Ao opor essas práticas, os

estudantes reforçam uma visão dicotômica na qual as habilidades quantitativas ocupam posição privilegiada em relação à linguagem escrita (Cabral et al., 2013). Essa oposição aparece também nos gêneros reconhecidos como legítimos no espaço acadêmico: artigos, relatórios e textos técnicos são associados à formação universitária, enquanto poemas, cartas e diários aparecem como gêneros sem espaço reconhecido nesse contexto.

A análise dos autores permite compreender que a preferência ou rejeição por determinados gêneros não pode ser interpretada simplesmente como característica individual dos estudantes. Ela se relaciona às condições de produção e aos discursos que atravessam a formação em Química, estabelecendo fronteiras entre formas de escrita consideradas pertinentes à formação científica e outras percebidas como externas a esse espaço. Nesse sentido, os autores defendem uma escrita que não fique "destinada à repetição do já dito ou à utilização correta dos códigos" (Cabral et al., 2013, p. 8), apontando para possibilidades de deslocamento e de aprendizagens mais críticas e criativas.

A tensão entre reprodução e produção de outros sentidos também aparece no trabalho de Brugliato e Almeida (2017), embora investigada principalmente a partir da leitura de diferentes gêneros discursivos. Licenciandos em Física foram colocados diante de quatro textos sobre a bomba atômica — livro didático, divulgação científica, texto histórico e história em quadrinhos — e convidados a produzir sentidos a partir dessas diferentes materialidades. A diversidade dos textos permite considerar que um mesmo objeto pode ser significado de maneiras distintas conforme o discurso a partir do qual é apresentado.

As respostas dos estudantes apontam para essa diversidade. A história em quadrinhos foi associada ao interesse; o texto de divulgação científica mobilizou aspectos emocionais e sociais; o texto histórico foi relacionado a acontecimentos e personagens históricos; e o livro didático foi caracterizado por um dos estudantes como "chato". Interessa considerar que diferentes materialidades produziram diferentes possibilidades de dizer sobre um mesmo objeto.

A análise de Brugliato e Almeida (2017) ganha densidade ao mobilizar as formas de repetição propostas pela AD. Os autores identificam situações de repetição formal,

nas quais os estudantes retomam sentidos presentes nos textos lidos, mas também reconhecem indícios de repetição histórica quando determinados sujeitos deslocam o conteúdo recebido e incorporam elementos que não estavam explicitamente presentes na materialidade lida. Nesse sentido, observam que "os estudantes A1 e A2 realizaram uma repetição formal do texto, apesar de não reproduzirem um trecho específico" (Brugliato & Almeida, 2017, p. 6). O caso do estudante que, a partir do livro didático, introduz aspectos históricos, sociais e interdisciplinares permite interpretar que a leitura pode ultrapassar a reprodução do discurso de origem e produzir outros sentidos.

Considerados conjuntamente, os quatro trabalhos permitem compreender que escrita e leitura se constituem em uma tensão entre sentidos estabilizados e possibilidades de produção de outros sentidos. A reescrita dos relatos, a produção de gêneros distintos do relatório, a interpretação de textos diversos e a elaboração de posicionamentos próprios não eliminam a repetição; criam condições para diferentes relações com o já-dito. A formação de professores aparece, nesse movimento, como espaço no qual os sujeitos podem tanto reproduzir discursos legitimados pela tradição acadêmica quanto estabelecer outras relações com eles.

Essa compreensão da escrita como prática que ultrapassa o registro e a reprodução de conhecimentos também dialoga com os resultados apresentados por Wenzel et al. (2019), que investigaram os sentidos atribuídos por licenciandos em Química às práticas de escrita vivenciadas durante a formação inicial. As autoras identificaram relações entre a escrita, a apropriação da linguagem química, a formação docente e a pesquisa. Embora partam de perspectivas e recortes investigativos distintos, esses resultados se aproximam das discussões dos trabalhos aqui analisados ao indicarem que a escrita assume diferentes sentidos no percurso formativo dos licenciandos. A aproximação entre esses estudos permite ampliar a compreensão de que as experiências de escrita na formação inicial não se restringem ao domínio de convenções acadêmicas ou da linguagem específica da área, mas participam das relações que os futuros professores estabelecem com o conhecimento e com a própria docência.

A discussão sobre a tensão entre reprodução e produção de sentidos pode ser aprofundada a partir dos trabalhos de Giraldi (2013), Santos e Queiroz (2013) e Tellez (2013). Embora desenvolvam propostas distintas, esses estudos deslocam o olhar para as relações entre leitura, linguagem, memória discursiva e posições dos sujeitos, permitindo compreender que os sentidos produzidos nas práticas de leitura estão relacionados às histórias de leitura dos sujeitos e às condições em que os discursos circulam.

Em Giraldi (2013), a leitura é tomada como elemento disparador de uma discussão com professores de Ciências sobre o lugar da leitura e da escrita em suas práticas pedagógicas. A autora parte da compreensão de que as imagens construídas sobre estudantes, professores, leitores e autores são atravessadas por discursos historicamente produzidos. Para isso, um texto sobre leitura e escrita em aulas de Ciências foi utilizado como disparador da discussão, permitindo que os professores se posicionassem diante do discurso do outro e produzissem sentidos sobre suas próprias práticas.

Ao retomarem as noções de repetição empírica, formal e histórica, os participantes reconhecem diferentes formas de relação com sentidos já estabelecidos. Um dos professores observa que, em determinados contextos, alcançar a repetição formal já poderia representar um avanço em relação à repetição empírica, permitindo problematizar a própria noção de autoria e suas condições de produção no espaço escolar. A possibilidade de o estudante ocupar uma posição autoral, nessa perspectiva, não depende apenas da solicitação de uma produção própria, mas das condições discursivas que sustentam essa produção.

A leitura do texto disparador também produz um movimento de reflexão dos professores sobre sua posição diante dos estudantes. Essa dimensão pode ser relacionada à fala de um participante: “Então, se eu estou me perdendo, posso estar fazendo com que eles também se percam” (Giraldi, 2013, p. 5). A formulação permite interpretar que o contato com o discurso do outro pode deslocar o sujeito em relação à própria prática. A leitura, nesse caso, assume uma dimensão formativa ao possibilitar ao professor questionar a posição que ocupa e as condições em que produz seu discurso.

Giraldi (2013) também discute a relação entre memória discursiva e linguagem científica. Os professores de Ciências possuem trajetórias formativas marcadas pelo contato com discursos científicos, enquanto os estudantes da educação básica não necessariamente compartilham dessa mesma história de leitura. A autora relaciona essa diferença às posições ocupadas pelos sujeitos, incluindo a aproximação entre as posições de biólogo e de educador em Ciências. A dificuldade diante da linguagem científica, portanto, pode ser compreendida em relação às histórias de leitura e às condições discursivas que atravessam a formação, e não apenas como característica individual do estudante.

Essa discussão se aproxima do trabalho de Santos e Queiroz (2013), desenvolvido com licenciandos em Química em oficinas de leitura. Os autores investigaram os sentidos produzidos pelos estudantes a partir da leitura de um texto de divulgação científica e de um artigo científico. A proposta permitiu considerar como diferentes gêneros discursivos colocam os leitores diante de distintas condições de produção e possibilidades de interpretação.

No trabalho com o texto de divulgação científica, os estudantes produziram interpretações que ultrapassaram a localização de informações explícitas. Ao discutirem a atividade científica, mobilizaram aspectos relacionados às dificuldades e aos contextos sociais envolvidos na produção do conhecimento. Os autores observam que “as respostas parecem refletir o entendimento de que na ciência acertos são priorizados e as dificuldades são omitidas” (Santos & Queiroz, 2013, p. 4). A leitura, assim, pode ser interpretada como uma prática que ultrapassa a reprodução do conteúdo apresentado e envolve relações com o discurso científico.

A relação com o texto assume outros contornos diante do artigo científico. Os estudantes que não possuíam familiaridade com esse gênero relataram dificuldades diante da linguagem utilizada, associando-a à presença de palavras difíceis e ao próprio título do texto. Essas manifestações permitem problematizar a ideia de que a linguagem científica funcionaria de maneira transparente para diferentes leitores. As histórias de leitura dos sujeitos participam das relações que estabelecem com essa materialidade discursiva.

Para leitores familiarizados com determinado campo científico, elementos presentes no texto podem produzir sentidos distintos daqueles construídos por estudantes em processo de aproximação com esse discurso. A dificuldade dos licenciandos, portanto, pode ser relacionada não apenas às características do texto, mas também às relações ainda em construção entre esses sujeitos e o discurso científico.

A aproximação entre Giraldi (2013) e Santos e Queiroz (2013) permite compreender que a linguagem científica se relaciona às histórias de formação e às posições discursivas dos sujeitos. Os sentidos não estão simplesmente contidos nos textos, mas se produzem na relação entre sujeito, discurso, materialidade e condições de produção. A leitura, nessa perspectiva, ultrapassa a compreensão de informações e envolve também modos de posicionamento diante dos discursos.

Essa compreensão da leitura em relação às histórias dos sujeitos e às condições em que os textos circulam também encontra aproximações com o estudo de Ribeiro et al. (2012). Ao investigarem práticas de leitura de licenciandos em Ciências Biológicas que atuavam como docentes na Educação de Jovens e Adultos, os autores identificaram trajetórias de leitura diversas, nas quais as experiências no contexto familiar assumiam particular relevância. No que se refere às práticas desenvolvidas em sala de aula, os participantes destacaram a “extrapolação”, relacionada às interações com os estudantes e às possibilidades de estabelecer relações entre diferentes textos e experiências. Embora mobilizem alguns conceitos da AD em seu processo analítico, os autores esclarecem que a investigação não foi conduzida a partir dessa perspectiva. A aproximação com os trabalhos aqui analisados permite ampliar a discussão sobre a leitura como prática situada, atravessada pelas histórias dos sujeitos e pelas interações que participam da produção de sentidos.

Tellez (2013) amplia essa discussão ao analisar os sentidos produzidos por licenciandos em Ciências Biológicas na elaboração de histórias em quadrinhos a partir da leitura de textos históricos sobre a construção da molécula de DNA. A leitura constitui, nesse caso, o ponto de partida para uma nova produção discursiva. Os estudantes foram convidados a selecionar aspectos dos textos lidos e produzir HQs, possibilitando observar retomadas, reformulações e deslocamentos.

Uma das produções analisadas apresenta um deslocamento em relação a uma representação idealizada da ciência. A licencianda representa cientistas enfrentando dificuldades, erros e contratempos durante suas pesquisas, produzindo uma imagem da ciência como processo de construção, e não como atividade linear e acabada. A produção pode ser interpretada, assim, como um movimento de deslocamento de sentidos estabilizados sobre o fazer científico e a figura do cientista.

Entretanto, os deslocamentos não ocorrem de maneira homogênea. Embora os textos utilizados na atividade não apresentassem ilustrações, uma licencianda incorporou em sua HQ uma representação visual do modelo de DNA. Tellez (2013) relaciona essa produção à mobilização de outros discursos presentes na memória discursiva da licencianda e identifica poucos deslocamentos em relação aos sentidos do texto de origem. A produção de sentidos envolve, desse modo, retomadas e modificações, não podendo ser compreendida simplesmente como reprodução ou ruptura.

Essa relação aparece também no conjunto das HQs analisadas. Muitas produções apresentaram desfechos semelhantes, nos quais os cientistas eram associados ao reconhecimento pelo Prêmio Nobel, enquanto situações de erro, conflito ou fracasso foram menos frequentes. Pode-se interpretar, nesse funcionamento, a permanência de sentidos estabilizados sobre a ciência e seus protagonistas, mesmo em uma atividade que buscava possibilitar outras formas de dizer.

Tellez (2013) também chama atenção para o papel do professor na circulação e legitimação desses sentidos. Quando apenas a interpretação do professor é considerada, sem que os sentidos produzidos pelos estudantes sejam colocados em discussão, determinadas imagens sobre a ciência podem ser reforçadas. Como afirma a autora, “caso somente a interpretação e leitura do professor seja considerada na escola, sem permitir que os sentidos produzidos pelos alunos sejam discutidos, as imagens de ciência vista como feita por gênios e inacessível pode ser reforçada” (Tellez, 2013, p. 6). A questão desloca o olhar da atividade de leitura em si para as condições em que os sentidos produzidos pelos estudantes podem adquirir espaço no processo educativo.

Os três trabalhos, em continuidade com os estudos anteriormente analisados, permitem compreender a leitura e a escrita como práticas nas quais os sujeitos estabelecem relações com discursos já produzidos. Ler não significa apenas acessar sentidos previamente constituídos, assim como produzir um texto não implica necessariamente romper com os sentidos existentes. As produções analisadas apresentam, portanto, retomadas, repetições, reformulações e deslocamentos.

Nesse conjunto, a linguagem científica assume particular relevância na formação docente. Giraldi (2013) discute a distância entre as histórias discursivas de professores e estudantes; Santos e Queiroz (2013) permitem compreender como essa distância participa das relações estabelecidas com textos científicos; e Tellez (2013) mostra a permanência de discursos cristalizados sobre a ciência nas produções dos licenciandos, mesmo diante de propostas que buscam outras formas de representação. Os estudos sugerem, assim, que ampliar as práticas de leitura e escrita não significa apenas diversificar gêneros textuais, mas criar condições para que os sujeitos estabeleçam outras relações com os discursos que constituem sua formação.

A discussão desenvolvida neste estudo também pode ser aproximada da análise realizada por Bavaresco e Palcha (2018), que investigaram 14 pesquisas publicadas nas atas do ENPEC, organizando-as em três abordagens relacionadas às práticas de leitura e escrita no Ensino de Ciências. Os autores identificaram diferentes metodologias e objetivos de investigação, destacando a diversidade de gêneros textuais mobilizados e a importância do trabalho coletivo para a formação e o desenvolvimento profissional docente. Embora os estudos partam de recortes distintos, essa produção dialoga com os resultados aqui apresentados ao reconhecer a relevância das práticas de leitura e escrita nos processos formativos. O presente estudo, por sua vez, aprofunda essa discussão ao focalizar pesquisas sobre formação de professores que mobilizam a AD, buscando compreender os modos como essas práticas são significadas nesse contexto.

Desse modo, os sete trabalhos analisados apontam para as práticas de leitura e escrita como espaços de produção de sentidos e constituição dos sujeitos. Ao mesmo tempo em que podem retomar sentidos historicamente estabilizados, essas práticas podem criar condições para sua problematização, reformulação e deslocamento. Na formação de professores, essa tensão permite compreender que ler e escrever não se

restringem à apropriação de conhecimentos já produzidos, mas envolvem modos de posicionamento diante dos discursos que atravessam a formação. As possibilidades formativas identificadas relacionam-se, portanto, às condições que permitem aos sujeitos interpretar, questionar, reformular e produzir sentidos, estabelecendo outras relações com o conhecimento e com a própria formação docente.

## Considerações finais

A análise realizada permitiu compreender diferentes modos de significar as práticas de leitura e escrita no âmbito da formação de professores, particularmente nos estudos que mobilizam a AD. Mais do que meios de acesso, registro ou reprodução de conhecimentos, essas práticas aparecem nos trabalhos analisados como espaços nos quais os sujeitos se relacionam com discursos já produzidos, ocupam posições e produzem sentidos.

No caso da escrita, os trabalhos permitem interpretar uma tensão entre formas historicamente legitimadas na formação acadêmica e possibilidades de produção de outros sentidos. A relação dos licenciandos com o relatório, a escrita técnica e os gêneros reconhecidos como próprios da formação científica aparece atravessada por sentidos que nem sempre são questionados. Por outro lado, experiências envolvendo escrita e reescrita, relatos e diferentes gêneros discursivos podem criar condições para outras relações com o ato de escrever. Isso não implica o abandono dos sentidos já produzidos, mas a possibilidade de retomá-los, reformulá-los e, em determinadas condições, deslocá-los.

Nas práticas de leitura, os estudos permitem compreender que os sentidos produzidos pelos leitores não se reduzem às informações presentes nos textos. Diferentes gêneros, histórias de leitura, posições discursivas e relações com o discurso científico participam desse processo. As dificuldades diante de determinados textos e as diferentes interpretações produzidas pelos licenciandos podem, nessa perspectiva, ser compreendidas para além de explicações centradas exclusivamente na capacidade individual de compreensão, relacionando-se às posições ocupadas pelos sujeitos e às condições históricas e discursivas que atravessam sua formação.

Ao mesmo tempo, a possibilidade de produção de outros sentidos não decorre simplesmente da utilização de diferentes gêneros ou da proposição de atividades de leitura e escrita. As produções dos sujeitos também retomam sentidos estabilizados, reproduzem representações e se inscrevem em discursos já constituídos. É nessa relação entre o já-dito e a possibilidade de produzir outros sentidos que a dimensão formativa dessas práticas pode ser compreendida. Leitura e escrita não são, portanto, formativas por si mesmas; seus efeitos relacionam-se às condições de produção nas quais os sujeitos são chamados a ler, escrever, interpretar e se posicionar.

Os trabalhos investigados atribuem, assim, às práticas de leitura e escrita sentidos que ultrapassam sua compreensão como meios de apropriação e reprodução de conhecimentos, relacionando-as à produção de sentidos, à autoria, à interpretação, à problematização de discursos e à constituição dos sujeitos. As possibilidades formativas identificadas relacionam-se às condições que permitem aos licenciandos e professores estabelecer outras relações com os discursos que atravessam sua formação, incluindo aqueles associados à ciência e à linguagem científica.

No contexto contemporâneo, marcado pela ampliação do uso de ferramentas de inteligência artificial generativa, essas reflexões assumem novas dimensões. A produção de textos por essas ferramentas coloca desafios à formação docente, especialmente no que se refere à autoria, à interpretação, à avaliação da confiabilidade das informações e às relações que os sujeitos estabelecem com os conhecimentos e os discursos que circulam socialmente. Nesse cenário, fortalecer as práticas de leitura e escrita implica criar condições para que futuros professores não apenas utilizem essas tecnologias, mas desenvolvam uma postura crítica diante dos textos por elas produzidos, questionando suas fontes, reconhecendo seus limites e assumindo posições diante dos sentidos que colocam em circulação. Mais do que restringir ou incorporar indiscriminadamente essas ferramentas, trata-se de promover experiências formativas que valorizem a leitura crítica, a escrita autoral, a revisão e a reescrita, compreendendo a inteligência artificial como parte das condições contemporâneas de produção e circulação dos discursos.

Nesse movimento, a AD, enquanto referencial mobilizado pelos trabalhos que constituíram o corpus, oferece condições teóricas para problematizar essas práticas

não pela busca de sentidos ocultos ou transparentes nos textos e nas falas, mas pelos modos como determinados sentidos são produzidos, retomados, estabilizados e deslocados. Leitura e escrita podem, nessa perspectiva, ser compreendidas como práticas discursivas que participam da formação dos sujeitos e das posições que eles podem ocupar diante do conhecimento, da ciência e da docência.

Por fim, o recorte realizado nos anais do ENPEC e nos trabalhos que mobilizaram a AD delimita o alcance das interpretações construídas. Ainda assim, o conjunto analisado permite compreender diferentes modos de significar leitura e escrita na formação de professores e aponta para a importância de investigar as condições em que essas práticas podem produzir outras relações com os discursos que atravessam a formação docente. Mais do que definir previamente o que leitura e escrita significam, trata-se de considerar os sentidos que se produzem nessas práticas e os movimentos de repetição, reformulação e deslocamento que as constituem.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Referências

Bavaresco, J., & Palcha, L. S. (2018). Leitura e escrita em aulas de Ciências: uma análise para formação e desenvolvimento profissional docente. *Revista Transmutare*, *3*(1), 34–49. https://doi.org/10.3895/rtr.v3n1.8730

Brugliato, É. T., & Almeida, M. J. P. M. (2017). *A produção de sentidos por licenciandos em Física a partir da leitura de diferentes tipos de discursos*. Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. ABRAPEC.

Cabral, W. A., & Flôr, C. C. (2017). *Movimentos de leitura e escrita na disciplina de Estágio Supervisionado em Química em uma universidade pública de MG*. Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. ABRAPEC.

Cabral, W. A., & Flôr, C. C. (2019). *Escrever e reescrever no âmbito da formação inicial de professores de Química: possibilidades de novas "sensações"*. Anais do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. ABRAPEC.

Cabral, W. A., Flôr, C. C., & Moura, N. (2013). *Sentidos atribuídos à escrita por licenciandos em Química na modalidade à distância*. Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. ABRAPEC.

Giraldi, P. M. (2013). *Discursos de professores de Ciências: leitura e escrita como foco de diálogo*. Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. ABRAPEC.

Guimarães, T. S., Pimenta, S. S., & Massena, E. P. (2020). Cacau: articulação entre Ensino de Química e literatura regional na produção de um cenário integrador. *Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de Química*, *1*(1), e012005. https://doi.org/10.56117/ReSBEnQ.2020.v1.e012005

Orlandi, E. P. (2005). *Análise de discurso: princípios e procedimentos* (6ª ed.). Pontes.

Orlandi, E. P., & Lagazzi-Rodrigues, S. (Orgs.). (2006). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Pontes.

Pêcheux, M. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Editora da Unicamp.

Pêcheux, M. (1999). Papel da memória. In P. Achard, J. Davallon, J.-L. Durand, M. Pêcheux, & E. P. Orlandi (Orgs.), *Papel da memória* (J. H. Nunes, Trad., pp. 49–57). Pontes.

Ribeiro, N. A., Munford, D., & Perna, G. P. A. (2012). Experiências de leitura em Ciências da Natureza na Educação de Jovens e Adultos: um estudo das práticas de professores em formação inicial. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, *12*(2), 129–151.

Santos, G. A., & Queiroz, S. L. (2013). *Oficinas de leitura: produção de sentidos no ensino superior de Química*. Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. ABRAPEC.

Tellez, I. R. (2013). *A produção de história em quadrinhos a partir da leitura de textos históricos por licenciandos do PIBID*. Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. ABRAPEC.

Wenzel, J. S., Martins, J. L. C., & Bratz, G. E. (2019). A prática da escrita na formação inicial de professores de Química. *Revista Docência do Ensino Superior*, *9*, 1–16. https://doi.org/10.35699/2237-5864.2019.2482

**Submetido em:** 30/08/2026 **Aceito em:** 13/11/2026 **Publicado em:** 20/11/2026

Periódico organizado pela Sociedade Brasileira de Ensino de Química – SBEnQ

Este texto é licenciado pela Creative Commons Attribution 4.0 International License.